



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à agência de notícia francesa AFP

Palácio da Alvorada – Brasília-DF, 02 de setembro de 2009

Jornalista: Muito obrigado por nos receber e desculpe, mas meu português ainda é muito ruim, então eles vão falar. Quero saber quais são as suas expectativas com a visita do presidente Sarkozy e como o senhor define as suas relações com ele.

Presidente: Olha, primeiro eu tenho convicção que esta visita do presidente Sarkozy ao Brasil, como convidado de honra para o desfile da independência, vai consolidar a parceria estratégica que o Brasil e a França precisam construir.

Eu não sei porque, mas historicamente há uma afinidade muito grande entre o povo francês e o povo brasileiro, e entre o povo brasileiro e o povo francês. Ou seja, os dois países e os dois povos se gostam. Agora, isso nunca ficou bem... Isso ficou muito representado na cultura, ficou muito representado nas relações políticas, mas nós nunca consolidamos isso numa relação entre os dois Estados. Se você vir a balança comercial Brasil e França, ela é muito pequena, diante do potencial dos dois países.

Nós começamos uma parceria com o presidente Chirac e, para minha grata surpresa, o presidente Sarkozy quer aprimorar essa relação. O Sarkozy tem sido um defensor do Brasil em todos os fóruns internacionais; o Sarkozy defende claramente a mudança no Conselho de Segurança da ONU; o Sarkozy defende a participação do Brasil; o Sarkozy defende que não tem mais nenhum sentido o G-8 e que é preciso criar um outro fórum, no qual o Brasil tem que estar presente, a China tem que estar presente. E o Sarkozy tem mais flexibilidade para discutir a Rodada de Doha do que o Chirac tinha. O Chirac era muito duro na defesa dos interesses da agricultura da França, certamente o



Sarkozy também o é, mas ele tem mais flexibilidade para discutir.

Bem, e nós resolvemos, então, construir essa parceria estratégica, ou seja, fortalecer, e muito, a relação França-Brasil, porque a França é um país importante e, além disso, a França tem a vantagem de ser o único país europeu com um pedaço de território na América do Sul.

Isso é uma coisa fantástica, porque nós estamos tão próximos, temos fronteira com a França, é o único país europeu que tem fronteira com a América do Sul e com o Brasil, e uma fronteira, ainda, na Amazônia. Por isso é que nós vamos – eu não sei se vai estar pronto o acordo que nós queríamos assinar sobre um centro de pesquisa, uma universidade sobre a questão da biodiversidade da Amazônia – aproveitar o conhecimento francês e o conhecimento brasileiro e a gente tentar, a partir daí, conjuntamente, fazer uma coisa extremamente importante para explorar melhor a biodiversidade da Amazônia.

Além disso, nós estamos... vamos assinar o acordo, o contrato do submarino e vamos assinar o contrato dos helicópteros. E ainda estamos avançando na questão do caça, que é uma coisa que o nosso presidente... o nosso comandante da Aeronáutica está na Europa neste momento, e eu ainda vou ter uma reunião com ele antes de quinta-feira para quando o Sarkozy chegar nós sabermos em que ponto nós estamos no sentido de assinar o contrato também para o FX. Eu vou ter que convocar o Conselho de Defesa Nacional, que envolve Câmara, Senado, ministros, mas nós estamos muito avançados. Eu acho que nós nunca estivemos tão bem na relação com a França como nós estamos agora. Nunca.

O Sarkozy tem se mostrado um homem muito disposto a fazer mais coisas com o Brasil, o Brasil está disposto a fazer mais coisas com a França, portanto, nós temos uma oportunidade extraordinária de aproveitar essa visita do presidente Sarkozy e concretizar essa relação muito mais forte entre França e Brasil. É com esse otimismo que eu trabalho. Eu tenho certeza que o mesmo



otimismo é do presidente Sarkozy. Eu, possivelmente, tenha que falar com o Sarkozy amanhã, eu falei com ele sábado, depois que eu tiver uma reunião com o meu ministro da Defesa e com o comandante da Aeronáutica, eu devo chamar o Sarkozy, e eu penso que nós estamos bem. Estamos bem. Em todos os fóruns multilaterais o Sarkozy tem sido um parceiro, defensor das idéias do Brasil. Nós estamos nos colocando de comum acordo em quase tudo, nós temos o mesmo pensamento sobre os paraísos fiscais e que nós precisamos acabar com esses paraísos fiscais. Não é possível que a gente tenha uma economia, um subterrâneo da economia funcionando, todo mundo sabe que existe e a gente finge que não vê. É muito difícil esse tema, porque quando a gente discute paraíso fiscal, se discute a Suíça, se discute o Uruguai, então os países não aceitam isso, então sempre é um tema muito delicado.

Mas de qualquer forma, o Sarkozy tem sido um grande parceiro do Brasil em todos os fóruns que nós temos participado. Ah, estamos muito juntos no G-20, as posições do Brasil e da França têm sido posições muito parecidas. O Sarkozy tem comungado com o G-5. Eu acho que isso tudo é importante, porque a França é um país extremamente importante na Europa. E eu acho que ter um parceiro da qualidade da França é sempre muito importante para o Brasil.

Jornalista: Acho que, então, aparentemente, o Raffale, um avião francês, está parecendo muito favorito. O que passa pela cabeça do senhor?

Presidente: Então, mas deixa eu lhe dizer uma coisa. Eu, sinceramente, até por cuidado presidencial, eu não posso dizer qual é o meu favorito nisso. Mas, obviamente, isso não é de hoje. Quando eu cheguei à presidência em 2003, eu tive que desativar, porque estava num momento muito importante de escolha dos aviões caça. Eu tive que desativar porque não tinha nenhuma explicação, naquele momento, eu entrando no governo, o País numa crise econômica



profunda, eu querendo priorizar o combate à fome, ficar discutindo aviões de caça. Então, eu suspendi as discussões e acho que hoje, depois que nós construímos... Veja, o Brasil construiu um plano estratégico de defesa. Nós estamos convencidos, pela dimensão do Brasil, pela grandeza do Brasil, pela Amazônia, pelo pré-sal, o Brasil tem que ter uma indústria de defesa de acordo com a sua dimensão, de acordo com a sua grandeza.

E nós sabemos que os franceses são o único país importante que está disposto a discutir conosco a transferência de tecnologia em todas essas áreas. E aí, um país do tamanho do Brasil não pode apenas comprar um produto do outro país e o país não passar a tecnologia. Ou seja, você tem uma coisa e que você, ao usar, tem que pedir licença para quem te vendeu, isso não é possível. Então, a França tem se mostrado o país mais flexível nessa questão da transferência de tecnologia. E obviamente que isso é uma vantagem comparativa e excepcional. Não peça para um presidente falar mais do que isso que me complica.

Jornalista: Tem o tema da Conferência do Clima na Europa, em Copenhague, que na Europa chama muito a atenção, no mundo inteiro, no Brasil também. O senhor teria a possibilidade de estar em Copenhague?

Presidente: Não, eu acho que eu não vou. Possivelmente eu não vá a Copenhague porque estou com a agenda extremamente complicada. Eu devo passar 10 dias fora, no final de setembro. Começa no dia 21, em Nova Iorque, depois tem Pittsburgh e depois tem Copenhague, para as Olimpíadas, e depois tem reunião europeia e América Latina. Ou seja, se eu não voltar para o Brasil, daqui a pouco as pessoas pensam que eu não sou mais presidente do Brasil.

Mas, veja, o Brasil está altamente preparado, e se preparando muito mais para essa Conferência. Nós estamos, nesse momento, liderados pelo coordenador da Comissão Nacional de Clima, que é o companheiro Pinguelli,



mais o Ministro do Meio Ambiente, fazendo os debates com todos os segmentos da sociedade que discutem a questão do clima, para que a gente chegue muito bem preparado em Copenhague. E a nossa ideia é que a gente possa construir um acordo entre a posição brasileira, a posição da Europa, a posição americana, para ver se a gente consegue dar um passo adiante daquilo que foi Kioto, porque Kioto, os americanos até agora não assinaram.

E nós queremos fazer uma discussão onde cada país assuma a responsabilidade pelos danos que causam ao planeta. Ou seja, nós não podemos aceitar a ideia de que os países que têm dinheiro criam um fundo, dão um dinheirinho para os países mais pobres preservarem as suas florestas. Isso é extremamente importante. Mas é preciso que, junto com isso... Eu sou favorável a criar um fundo, para ajudar os países mais pobres, que têm que preservar a sua natureza. Agora, concomitante, é preciso que os países ricos tomem como atitude diminuir a emissão de gás de efeito estufa. E isso obviamente que está ligado ao modelo de produção de cada país, ao modelo de consumo de cada país. Mas se não houver esse compromisso, juntos, entre as metas de preservação, de diminuição de emissão de gás e de preservação da floresta, do cuidado com a nossa fauna e a nossa floresta, com a diminuição dos países ricos, fica uma discussão falsa. É uma discussão onde somente os pobres irão pagar.

Então, nós temos obrigação moral de diminuir o desmatamento na Amazônia, vocês viram os números, ontem, que são muito promissores. Nós tomamos a decisão de que, em vez de ficar brigando com governadores e com prefeitos, é melhor a gente fazer acordo com eles, estabelecer lógica, regra. Nós acabamos de aprovar o marco regulatório, o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar, para garantir, definitivamente, que não vamos chegar na Amazônia, que não vamos chegar no Pantanal. Nós temos política para recuperar as áreas degradadas neste país, com florestamento e reflorestamento, ou seja, você tanto recuperar as matas nativas como você



fazer uma boa política de florestamento nas áreas degradadas. Tudo isso é obrigação do Brasil e dos países que têm florestas, de fazerem.

Agora, os países ricos, precisa dizer o seguinte: todos os países industrializados, ou todos os países ricos, estão fazendo emissão de gases há muito tempo. Então, a responsabilidade não pode ser igual. Ninguém pode exigir que a China tenha a mesma responsabilidade que os Estados Unidos. Ninguém pode querer que o Brasil tenha a mesma responsabilidade que a Inglaterra, que a França, que outros países que estão há um século industrializados e, portanto, emitindo gases de efeito estufa. Se essa discussão for feita com seriedade, nós temos a convicção de que é possível ter um acordo sério, de passar confiança para a sociedade e de que nós vamos cuidar com mais carinho das coisas que são a razão da nossa passagem pela Terra.

Eu vou com muito otimismo para Copenhague, vamos bem preparados, queremos construir acordo com outros países, para que em vez de a gente ficar fazendo confrontações, a gente trabalhe na ideia de construir um acordo, um acordo que possa ser cumprido, que possa ser fiscalizado, com metas claras do que cada um vai fazer em cada área. Mas também com metas claras dos recursos que os países mais pobres, que têm muitas florestas, vão receber, para que eles possam, garantida a sua floresta, mais se desenvolver.

Jornalista: Falando em metas, eu sei que o senhor não gosta muito dessa palavra, o Brasil não gostou, mas o ministro Amorim já indicou, o ministro Minc já falou que vai ter uma meta, o Brasil vai apresentar uma meta de redução de emissões. É ambicioso? Quanto?

Presidente: Deixe-me dizer qual é a minha ideia. Eu ainda não tenho números, se algum ministro tem número, ainda não me passou. Porque essa comissão está trabalhando... Depois eu sou favorável que essa comissão brasileira, que está preparando a proposta brasileira, converse com as comissões de outros



países para que mais ou menos no final de outubro ou no começo de novembro, a gente tenha a proposta brasileira, porque nós queremos que ela chegue a todos os países e a todas as pessoas que vão participar em Copenhague. Lá, o Brasil estará com uma delegação muito forte, uma delegação muito preparada, uma delegação possivelmente chefiada pelo Ministério das Relações Exteriores, para que a gente possa fazer uma discussão de alto nível. O que é importante...

Jornalista: Mas vai ter este gesto do Brasil, de entregar um número ambicioso?

Presidente: Eu não posso afirmar que nós vamos ter um número porque eles podem me apresentar um número e eu não concordar. Mas o dado concreto é que o Brasil está disposto a discutir metas e compromissos. O Brasil está disposto, ou seja, possa ser que daqui a um mês eu te diga qual é o número brasileiro. Mas nós não fugiremos da responsabilidade de discutir.

O que nós queremos é o seguinte: eu quero saber, ao longo do tempo, qual é a emissão *per capita* de cada país. Todo mundo tem que colocar na mesa qual é a sua emissão *per capita*. Porque eu cobrei do Ban Ki-moon, na reunião do G-8, em Tóquio, que era possível que a ONU assumisse a responsabilidade de unificar os números, porque cada país trabalha com um número. O último que eu levei para o debate era o número de um departamento...

Ministro Franklin: Da Agricultura.

Presidente: Não, o Departamento de Energia dos Estados Unidos, junto com o número da Embrapa, aqui do Brasil. E o que eu notei é que poucos presidentes conheciam os seus próprios números.



Então, o que precisa é a ONU criar um departamento especializado em notificar cada país, a cada ano, do que ele está fazendo. Porque se a gente não tiver uma instituição multilateral que seja a nossa referência, cada um de nós pode ter os nossos números, mas é preciso ter alguém que tente sistematizar esses números, porque essa questão, agora, da emissão de gás ou do sequestro de carbono, vai fazer parte do nosso dia-a-dia. Nós precisamos levantar de manhã, saber se está chovendo, saber se está fazendo sol, se está frio ou se está calor, mas também como é que está a emissão de gases e como é que está o sequestro de carbono. Se a gente colocar isso no nosso cotidiano, primeiro dos governantes, depois da população, certamente nós iremos resolver a questão ambiental em um curto espaço de tempo. Se nós ficarmos um tentando enganar o outro, ou um tentando levar vantagem sobre o outro, todos nós perderemos e o mundo continuará a receber muita emissão de gases.

Quando o Brasil discute a questão dos biocombustíveis, é que a matriz energética é essencial para que a gente possa diminuir a emissão de gás de efeito estufa. E nós estamos convencidos de que a tecnologia adquirida pelo Brasil, seja na questão do etanol, seja na questão dos biocombustíveis, é uma coisa que precisaria ser discutida com os países ricos. Não para que os países ricos plantassem no seu território, já tudo bem dividido, as coisas que poderiam ser plantadas para desenvolver países africanos, países latino-americanos. Um exemplo: em vez de os Estados Unidos ficarem produzindo etanol de milho, que é alimento humano e alimento animal, os Estados Unidos poderiam estar comprando o etanol de toda a América Latina e América Central e fazendo outras coisas ou, pelo menos, uma parte desse etanol. A França, a Alemanha, a Inglaterra e outros países, os países nórdicos, todos eles poderiam. E o Brasil se propõe a isso, a construir projetos para produzir em terceiros países, sobretudo, se a gente quiser ajudar o continente africano a se desenvolver.



Então, essas coisas todas, eu penso que vão entrar na mesa com muita força, daqui para a frente. Se nós, até agora, ficamos achando que o problema era de ONG, que o problema era de jornalistas, que o problema... Não, agora, todo mundo sabe que é verdade. Você veja, a mudança de clima, ela é uma verdade absoluta hoje. É só ver o que tem acontecido em todos os países do mundo, as mudanças de intempéries todo santo dia. Em Brasília nunca choveu no mês de agosto e esse mês choveu muito no mês de agosto, em outros estados não choviam, agora chove demais. Então, tudo isso agora é muito mais verdadeiro e está nos obrigando, enquanto governantes, a tomar uma atitude mais séria.

Jornalista: Presidente, o Brasil apresentou na segunda-feira seu marco regulatório para o pré-sal. Um momento, um divisor de águas na política brasileira para o petróleo. Aí ficaram algumas questões: esse 30% da Petrobras, talvez o papel da estatal que será criada... Com relação ao modelo, a decisão pelo modelo foi uma decisão correta, Presidente?

Presidente: Foi a decisão mais correta que nós poderíamos ter enquanto país produtor de petróleo que tem uma base petrolífera, ou seja, tem um campo petrolífero que não tem mais risco.

Quando você faz o regime de concessão, e o primeiro feito no Brasil que se chamava contrato de risco foi em 1975, você faz isso porque você não sabe se tem petróleo – e a Petrobras participa assim em outros países. Mas quando você detecta petróleo, e o exemplo mais forte é a Bacia de Santos, em que dos 13 poços perfurados, os 13 têm petróleo de alta qualidade e, portanto, com alta possibilidade econômica, aí não tem mais contrato de risco e não tem concessão. Aí o País tem que assumir a soberania, tomar conta do seu petróleo e fazer com que a maior parte desses recursos fiquem para o Estado brasileiro, ou seja, para o povo brasileiro.



Jornalista: Não teme que falte investimento?

Presidente: Não, não temo, não temo. Eu não temo porque eu, muitas vezes, vejo a estranheza que as pessoas têm com a posição do Brasil e essa posição é a posição de todos os países que tem petróleo.

Eu me lembro que quando, em 1980, o Brasil descobriu o maior campo contínuo de petróleo do mundo, no Iraque, e quando nós descobrimos, tivemos que comunicar ao governo, ele nos tomou. E tem acontecido assim em vários países do mundo. Se a gente pegar a história do petróleo de 1940 para cá, a gente vai perceber que, na medida em que os países foram descobrindo petróleo e que não era mais risco, os países foram assumindo.

Ora, e nosso país tem uma dívida social histórica com o povo brasileiro, nós perdemos todo o século XX. O Brasil era para ser um país igual a alguns países europeus. Mas nós, que crescemos a 14% ao ano, a 13%, a 10%, fizemos uma política de concentração de renda e aumentamos o exército de pobres no País. Agora chegou a hora de a gente utilizar essa coisa que eu considero uma dádiva de Deus, e o conhecimento tecnológico da Petrobras, para a gente pagar essa dívida. Por que nós estamos criando a empresa e criando um fundo? Exatamente para que o Estado tenha recursos para definir a solução para a educação brasileira, do ensino básico até o universitário, muito investimento em ciência, pesquisa e tecnologia, enfrentamento da pobreza e investimento em meio ambiente e cultura. Nós não poderíamos perder essa oportunidade e certamente que nós sabemos que as empresas vão ter que investir, elas vão ter custo, elas vão ter que pagar os seus custos, vão ter que ter rentabilidade. Nós temos clareza disso, ninguém vai só investir para perder. Mas o Estado não poderia abrir mão das coisas que fizemos, até porque a história do petróleo é uma história muito atípica. Os países que têm muito petróleo não ficaram ricos. Os países que não têm petróleo ficaram ricos,



sobretudo, o mundo desenvolvido. Se nós pegarmos a Europa e os Estados Unidos, eles que têm menos petróleo ficaram ricos porque investiram em industrialização, investiram em pesquisa, investiram em educação. Os que têm muito petróleo ficaram ganhando dinheiro fácil com petróleo, continuam pobres, não têm indústria, não têm...

Agora mesmo com a Venezuela, nós estamos lá com a ABDI, fazendo projeto de desenvolvimento industrial para a Venezuela, fazendo projeto agrícola para a Venezuela, porque eu tenho dito ao presidente Chávez: nós não podemos, Chávez, ficar vivendo por conta do petróleo, ou seja, esse petróleo, ele é passageiro, ele pode demorar 20 anos, 30 anos, 10 anos, 50 anos, mas um dia ele acaba. O que vai ficar concreto do petróleo? É a formação educacional que a gente der para o nosso povo e a capacidade de desenvolvimento industrial, com muita inovação tecnológica. Então é isso que nós pensamos, isso que nós fizemos.

O nosso marco regulatório envolveu muita gente, foi um debate... Só para você ter ideia, eu esperava receber no dia 15 de outubro do ano passado, eu recebi ele no dia 1º de setembro, um ano depois. Por quê? Porque teve muito problema. Tem muita coisa correta e o pessoal que trabalhou fez um trabalho excepcional. E eu estou vendo agora, no Congresso, obviamente que é cedo, talvez a oposição não tenha lido tudo ainda, talvez ela tenha trabalhado até com as manchetes dos jornais. Mas nós estamos claro do que o Brasil fez e estamos claro que a opção é essa: ou você garante que a iniciativa privada pague um pouquinho e leve o petróleo embora ou você garante que grande parte desse petróleo fique aqui como patrimônio de 190 milhões de brasileiros. E nós nem queremos exportar óleo cru. A nossa ideia é tentar fazer com que o Brasil tenha uma grande indústria petrolífera, uma grande indústria petroquímica e que a gente possa exportar derivados. Por isso é que nós decidimos fazer uma refinaria de 600 mil barris/dia no Maranhão para exportar, uma outra de 300 mil barris/dia no Ceará, para exportar. Porque é uma chance,



nós não podemos jogar dinheiro fora. Eu não sei se vou estar vivo para ver isso acontecer no Brasil, mas eu acho que o Brasil tem que, no século XXI, se transformar em uma grande potência. Nós temos tudo que um povo precisa ter, para ser uma grande potência. Nós, hoje, somos, no mundo, o País que tem mais terras agricultáveis, nós temos a melhor tecnologia para trabalhar a agricultura tropical, nós temos indústria diversificada, nós temos tecnologia. Porque, muitas vezes, as pessoas veem o Brasil como um país que tem a Amazônia, mas este país que tem a Amazônia produz avião, produz celular, trata corretamente e com competência o enriquecimento do urânio, ou seja, não é um paisinho qualquer.

O mal é que o Brasil sempre se achou pequeno, o Brasil sempre se achou pequeno. Sabe aquele cara que todo dia ia ao vizinho pedir uma xícara de açúcar, uma xícara de sal, um pouquinho de óleo que ele não tinha em casa aí, de repente, ele fica rico e ele continua pedindo a mesma coisa, porque ele está habituado a pedir. Então, o Brasil tem que dar um salto de qualidade. E o salto de qualidade é exatamente os investimentos que nós vamos fazer em inovação tecnológica, o outro PAC que nós vamos apresentar, de 2011 a 2015, e eu acho que o pré-sal, é, dentre todos eles, uma dádiva extraordinária que nós temos que agradecer a Deus todo dia.

Jornalista: Tem que existir, não? Que esteja lá o petróleo.

Presidente: Sim, ele está lá, está quietinho. E nós, inclusive... veja, uma das coisas que nós estamos preocupados, e foi dito pelo Presidente da Petrobras, que é uma coisa para a questão do meio ambiente, que nós vamos levar para Copenhague, é que o gás, no pré-sal, ele tem muito CO². Então, o que nós vamos fazer? Em vez de tirar esse gás, nós vamos injetar ele outra vez, para tirar mais petróleo e não causar problemas ambientais.



Jornalista: O senhor vai receber, em breve, o presidente Ahmadinejad. Pretende...

Presidente: Não tenha problema de não saber falar o nome dele, porque eu também não sei.

Jornalista: Mahmoud Ahmadinejad. Você pretende visitar o Irã este ano? Do que o Brasil precisa para compartilhar as preocupações de Sarkozy, Obama, ou outros líderes sobre o programa nuclear do Irã?

Presidente: Deixa eu lhe dizer uma coisa que eu acredito. Primeiro, o Irã é um país de 80 milhões de habitantes. É um país que importa muita coisa do Brasil e o Brasil não importa nada do Irã. Depois, o Brasil precisa levar em conta que nós decidimos ter uma política mais ofensiva junto ao mundo... a uma parte do mundo árabe, outra com o Irã e com outros países que não são árabes, que são africanos, mas que estão no mesmo território. E por que isso? Porque nós entendemos que você não pode deixar as pessoas isoladas. Toda vez que você tem uma adversidade com alguém e você isola essa pessoa, você começa a cobrar dessa pessoa, você começa a transformar essa pessoa em inimigo da Humanidade, o resultado não é bom.

Vamos ver o que aconteceu no Iraque. O Iraque é resultado de duas grandes mentiras, não é? O Iraque é resultado de duas grandes mentiras, a Guerra do Iraque. Nem existiam armas químicas no Iraque... e é importante vocês saberem que o coordenador da comissão que investigava era brasileiro, que era o nosso embaixador que está na França hoje. Ele era da comissão, e o governo americano exigiu que ele fosse retirado da comissão e o governo brasileiro aceitou. E ele dizia que não tinha armas químicas no Iraque. Então, qual foi a mentira? Os aliados inventar que tinha arma química para poderem fazer o ataque e o Saddam Hussein mentir por não dizer que não tinha. Dizer



claramente, deixar a investigação... Por que ele não fez isso? Porque ele já tinha mentido muito para o povo iraquiano, que tinha, que ira derrotar os americanos, que não sei das quantas. Não teve coragem de, humildemente, dizer: “Olha, nós não temos armas químicas, nós não vamos aguentar enfrentar os aliados, eu não vou destruir o meu país por isso. Então, pode entrar aqui, pode fiscalizar”. Ele não teve coragem e o Bush não teve coragem de dizer que não tinha armas químicas. É fantástico porque até hoje os líderes que foram favoráveis à Guerra do Iraque, até hoje eles não conseguem explicar porque eles invadiram se não tinham armas químicas.

Então, eu estou vendo que as coisas começam a andar do mesmo jeito para o Irã, começam a andar, todo mundo começa a cobrar. Primeiro, o Brasil defende que o Irã possa ter a sua política nuclear, igualzinho tem o Brasil e igualzinho tem a determinação das Nações Unidas. Ou seja, você pode ter energia nuclear para fins pacíficos. E eu acho que o Brasil tem condições de conversar com o Presidente do Irã e com o Irã, porque nós somos um país grande também, não fazemos parte do bloco daqueles que colocam muita imposição. Mas eu acho que uma conversa madura com o Brasil – e que eles poderiam adotar um modelo de discussão respeitando as decisões, os tratados assinados, a não-proliferação de armas atômicas –, eu acho que é uma conversa sadia que pode convencer a pessoa de que eu não estou sendo apenas contra, eu não estou apenas querendo proibir a soberania dele. Porque é muito difícil, os países que não querem, têm.

Jornalista: Então, seria esta, por exemplo, uma verificação como o Brasil teve...

Presidente: Eu acho que nós precisamos convencê-los politicamente. O que não pode é ficar encostando eles na parede, não pode. Essa política de tudo ou nada não existe, e eu acho que o Brasil tem... acho que o Brasil tem jeito de



conversar. E como eu acredito muito nisso, eu acredito que não tem problema no mundo que não se resolva em torno de uma mesa, conversando, levantando as divergências. O Brasil tem... o Brasil precisa aperfeiçoar a sua relação com o Irã. Vamos trabalhar com isso, queremos que a Petrobras vá explorar petróleo lá e...

Jornalista: O Brasil seria favorável às sanções na ONU contra o Irã, no caso, e se as negociações...

Presidente: Veja, veja, eu acho que antes de a gente fazer sanção, eu acho que a gente deveria esgotar todos os limites da diplomacia. Porque qual é o problema? Se a ONU toma uma decisão de fazer sanção e o Irã não para, o que vai acontecer no próximo passo? Vai ficando cada vez mais difícil. Então, o que nós precisamos é, primeiro, fazer com que o Irã tenha confiança de que nós não queremos ter ingerência na soberania do Irã. Segundo, nós temos que ter confiança para mostrar para eles que, politicamente, não é prudente a gente fazer as coisas que colocam mais o mundo mais em risco.

Agora, para que a gente tivesse facilidade, era preciso que os países que têm, fossem desativando. Porque eu peço para você guardar todas as suas armas, te dou um estilingue e fico com as minhas? Vamos ser mais verdadeiros. Vamos... um compromisso: ninguém mais constrói e quem tem destrói. Isso não tem acontecido com a rapidez que nós precisamos. Por que não tem acontecido? Porque também os países sabem que têm três possibilidades de eles serem respeitados no mundo: alta tecnologia, muita indústria e muito dinheiro, e uma belíssima indústria e defesa de um forte aparato militar. É isso. Eu, tempo desses, discutia com um dirigente e eu questionava o G-8. E ele dizia para mim: "Você acha que eu estou no G-8 porque o meu país é rico? Não, eu estou no G-8 porque eu tenho um arsenal". É isso, é isso que faz as pessoas. Então, eu acho... eu sou um pacifista de



natureza. Fui constituinte. O Brasil é o único país do mundo que tem, na sua Constituição, a proibição de utilizar a energia... arma nuclear. Tem na Constituição. Não é vontade do presidente Lula, não. É da Constituição brasileira. Então, nós temos autoridade política e moral para falar com os outros.

Jornalista: O senhor tem dito que não tem como questionar o caráter democrático do presidente Hugo Chávez, mas nos últimos tempos ele tido algumas ações polêmicas, em comunicação, no sistema educativo. Continua apoiando isso?

Presidente: Você viveu em Caracas?

Jornalista: Eu morei quatro anos.

Presidente: Quatro anos. Em que período?

Jornalista: Só completando uma coisa, me desculpe. São valores, são instituições...

Jornalista: São valores, são instituições democráticas que o senhor nunca teria (incompreensível). São problemas com (incompreensível).

Presidente: Vamos discutir isso com a dimensão exata. O Chávez foi vítima de um golpe. Esse é um dado inquestionável, ele foi tirado do poder. Ele foi levado para uma ilha. E o seu sucessor, ao assumir, a primeira coisa que fez foi fechar o Congresso Nacional. A gente não pode se esquecer disso. Então, Chávez é um governante que tem todas as razões para desconfiar de que [se] já tentaram um golpe, podem dar outro. Então, ele está sempre mais alerta



porque ele foi vítima de um golpe. Agora, é verdade que eu acho que a democracia vai se consolidando no mundo, na medida em que você vai construindo instituições que permitam à democracia sobreviver fora o governante. Ou seja, a máquina institucional tem que funcionar independente se o governante é mais ou menos democrático. Ou seja, se as instituições funcionarem, ele terá... o país será democrático. Eu acho que a Venezuela é um país que, durante muitos anos, muitas décadas, não foi tão democrático também, e eu acho que a Venezuela e todos os países da América Latina, com o tempo vão percebendo que é preciso ter instituições. O fortalecimento da democracia em um país não pode depender de um homem ou de dois homens. Tem que depender da segurança que você tenha nas instituições. Elas, na verdade, são... garantem, maior, a democracia.

E eu acho que nós estamos aprendendo. É importante você lembrar que o Brasil está vivendo, nesse momento, o maior período contínuo de democracia da sua história. Parece muito, mas são vinte e poucos anos só. Porque antes era golpe, era golpe, era renúncia, era golpe, era renúncia. Ou seja, esse é o mais longo período e as instituições brasileiras estão se fortalecendo e vão se fortalecer mais quando a gente fizer reforma política, que os partidos forem mais fortes. Assim ela vai se fortalecer mais.

Eu acho que a democracia da Venezuela é a democracia que a sociedade venezuelana tem compreensão de que ela seja. Eu vejo o quanto incomoda à imprensa brasileira o terceiro mandato do Chávez. Foi manchete em todos os jornais brasileiros. Você pega... ontem a Câmara aprovou o referendo para a Colômbia e não tem quase menção em lugar nenhum. Helmut Kohl ficou 16 anos na Alemanha, Felipe González ficou 12 na Espanha, Margaret Thatcher ficou outro tanto, e tudo isso é democrático. Só o terceiro mandato do Chávez é que não é? Nós precisamos trabalhar, nós precisamos trabalhar... Veja, nós precisamos trabalhar com menos preconceito. Eu não faria o que o Chávez fez nos meios de comunicação, mas eu acho que os



meios de comunicação não deveriam fazer com o Chávez o que fizeram durante muito tempo. Se você morou lá, você sabe o quanto os meios de comunicação foram duros com o Chávez, duros.

Eu aprendi a conviver com isso. Por que eu aprendi a conviver? Porque eu nasci na política, em cima disso. Eu nasci na política brigando com as informações da imprensa. Eu lembro quantas vezes no estádio da Vila Euclides, o povo cercava um jornalista para dizer para ele: “Você mentiu ontem sobre os números de pessoas que tinha na assembleia. Você tem que dizer o número correto”. No outro dia, o jornalista até aumentava um pouquinho, o número que tinha diminuído. Mas o Chávez não veio desse mundo político, o Chávez veio das Forças Armadas, então a cabeça dele não é a minha cabeça.

Agora, a coisa que nós temos que dizer é a seguinte: é que há muitos anos a Venezuela não tinha um presidente que se preocupava com o povo da Venezuela e com os pobres como o Chávez. E o Brasil quer ajudar a Venezuela, o Brasil quer ajudar a Bolívia, o Brasil quer ajudar o Paraguai, o Brasil quer fortalecer sua relação com a Argentina, com o Uruguai, o Brasil quer aperfeiçoar a sua relação com o Peru, com a Colômbia, porque são nossos vizinhos. E nós temos que ter cuidado porque nós queremos paz. O Brasil não quer ameaça.

Nós fomos, agora, à reunião da Unasul. Você deve ter acompanhado... o meu discurso era o seguinte: olha, a palavra guerra não pode existir aqui entre nós. Só existe uma condição de a gente crescer, se desenvolver, gerar riquezas e distribuí-la: é se a gente estiver em tempo de paz e (incompreensível) democracia. Fora disso, nós vamos jogar fora o século XXI e vamos ficar pobres.

Jornalista: Mas, às vezes o Brasil não teria que ter talvez uma posição um pouco mais crítica, mais rigorosa, imponente, isso não é...



Presidente: Isso acontecia muito quando o Brasil estava de costas para a América Latina e olhando para a Europa e para os Estados Unidos. Durante décadas, este país olhou só para o Norte, nem via o continente africano. Passava com os olhos por cima. Nós resolvemos que a única possibilidade de a gente viver em paz aqui, é a gente criar harmonia entre nós. E harmonia vai exigir muito debate, muita discussão. Sabem o que eu fico imaginando, depois da Segunda Guerra Mundial? A primeira vez que um francês e um alemão se uniram para começar a discutir a União Europeia. Deve ter sido fantástico, porque um tinha sido vítima de uma atrocidade, o outro tinha sido... a coisa mais violenta do século XX... De repente, a inteligência humana permitiu que os dois se sentassem e, em vez de discutir a Segunda Guerra, foram discutir o futuro. E hoje a União Europeia, com os seus acertos e erros, é um exemplo para mim de que é possível a gente construir um mundo de paz.

Então, quando o Lugo critica o Brasil – menos o Lugo, mas o povo do Lugo critica o Brasil – eu não posso, com o tamanho que o Brasil tem, com a riqueza que o Brasil tem, ficar respondendo ao Lugo pela imprensa. Eu prefiro chamá-lo para conversar e ver se é possível encontrar um caminho. Quando o Evo Morales reivindica nacionalizar o gás, o gás é dele, está no território dele. Ele tem o direito de nacionalizar. Por que é que eu vou me colocar contra?

Então, eu penso que nós nunca vivemos, na América Latina, o clima de tranquilidade que nós vivemos hoje. Muitas vezes aparece um clima nervoso porque nós estamos conversando, nós estamos debatendo. Antigamente, as pessoas não conversavam. Peru só pensava nos Estados Unidos, Brasil só pensava nos Estados Unidos e na Europa, Colômbia só pensava nos Estados Unidos, Argentina só pensava na Europa e nos Estados Unidos, ou seja, nós desconfiávamos de nós. Durante o século XX, os militares da América do Sul, os empresários da América do Sul e os políticos da América do Sul viam no Brasil o grande imperialista do continente. O Chávez diz, em todo debate de que ele participa, que ele era professor na academia militar e ele era induzido a



dar aula dizendo que era preciso ficar de olho no Brasil, porque o Brasil era um império. Uma vez eu conversei com o (incompreensível) quando ele... logo que eu tomei posse, o ex-presidente da Bolívia, e ele veio aqui para dizer para mim: “Presidente Lula, há 50 anos os americanos dizem que o Brasil é um império e nós precisamos tomar cuidado. Agora eu quero me aproximar deste império aqui porque do outro, eu já estou há 50 anos, e não resolveu o meu problema”.

Então, o Brasil tem que exercer esse papel de pacificador, de conciliador. Eu converso muito. Vocês sabem que eu faço mais reuniões com os presidentes da América do Sul do que eu faço com os meus filhos. Mas eu acho que tem que ser assim até a gente construir uma relação de confiança, até todos nós termos instituições... Nós vamos ter, pela primeira vez, o Parlamento do Mercosul eleito livremente, para 2010. Nós queremos criar o Parlamento da Unasul, o Parlatino. Essas coisas levam... podem levar 30 anos, 40 anos, quem sabe os 50 anos que levou a União Europeia, mas vão levar e nós vamos ser um continente rico e viver em paz.

Jornalista: Presidente, fechando. No auge da crise financeira mundial, se falou muito de reforma do sistema, houve propostas. Os países mais ou menos... que a crise está passando e essas discussões sobre a reforma do sistema financeiro, como ficaram agora... é uma conversa de meses atrás. O senhor mencionou agora as reformas. Por que essas discussões sobre a reforma financeira não avançaram? O que temos... O que vai acontecer em Pittsburgh?

Presidente: Porque reforma é difícil. Você veja o seguinte: se você tem uma família pobre morando em uma área de risco e começa a chover, e você vai convencer aquela pessoa a sair daquela área de risco, muitas vezes ela não quer sair porque ela tem medo do que vai vir depois. Então, muitas vezes – é uma contradição – você tem que chamar a polícia para tirar a pessoa. Em Belo Horizonte, um cidadão que perdeu, dois anos atrás, seis filhos, ele morava em



outra casa, voltou para a área de risco, e a casa caiu e matou os seis filhos dele.

Ora, você tem... vamos pegar o pós-guerra. Você tem um modelo, você tem um sistema funcionando que prevê o descaso dos Estados com a economia, que o mercado podia fazer tudo, que as pessoas podem ganhar dinheiro sem produzir um produto. Isso caiu por terra. Agora, para você mudar, você leva um tempo, você leva um tempo. Para você mudar o FMI, para você mudar o Banco Mundial, para você mexer nos paraísos fiscais, para você exigir que os países controlem o sistema financeiro e não permita que eles tenham uma alavancagem superior ao seu patrimônio líquido, obrigar o sistema financeiro a se voltar para a produção. Ou seja, eu quero ganhar, eu tenho que produzir alguma coisa na vida. O sistema financeiro ficou muito livre. O mercado ganhava dinheiro com o mesmo papel passando por dez bancos, sem que ninguém se importasse qual seria o resultado final.

Então, eu penso... Agora, nesta semana, vai começar a reunião do G-20 dos ministros da Fazenda e dos bancos centrais, e o meu ministro da Fazenda e o meu presidente do Banco Central vão para lá para discutir sério. Nós não podemos mais fazer uma reunião e não tomar as decisões que tem que tomar. Nós decidimos colocar dinheiro no FMI. O Brasil colocou 10 milhões. Eu quero saber se os outros já colocaram. Nós precisamos fortalecer o Banco Mundial, nós precisamos fortalecer o banco... o Bird. Porque senão, o que eu temo? É que, na medida em que a crise comece a acabar, todo mundo se conforme com o *status quo*. G-20 já não vale mais nada. Vai ficar o G-8 e aí fica tudo como está? Não, eu acho que não pode ficar como está porque nessa crise, embora os países ricos foram causadores da crise, a verdade é que quem paga a conta sempre são os mais pobres. São os mais pobres dos Estados Unidos, são os mais pobres da França, são os mais pobres do Brasil, são os mais pobres de Angola, são os mais pobres... Não é possível que a gente permita que um sistema liderado pelo mercado faça o que bem entender, sem



que os governantes se deem conta que eles foram eleitos para controlar, para serem indutores de modelos.

Então, eu penso que essa lição de vida ficou e nós não temos o direito de ficar aliviados porque a crise está acabando. Nós temos é que mudar muita coisa nessa relação do papel do Estado. Eu acho que durante duas décadas se vendeu a ideia de que o mercado resolveria todos os problemas. Aqui no Brasil, até a questão da educação se dizia que o mercado ia resolver. Quando, na verdade, se o mercado pode tudo, para quê governo? Não é isso? Para quê eleição? Para quê Congresso se o mercado resolve tudo? O mercado... O Estado não tem que ser o gerenciador, mas ele tem que ser o fiscalizador e o indutor.

Jornalista: Então, em que ritmo... no concreto, com o que o senhor espera sair de lá? O que vai...

Jornalista: De peso.

Presidente: Olhe, veja, eu acho que a primeira coisa que nós temos que fazer agora é que nós temos que chegar em Pittsburgh com o mapa mundial mais concreto. Porque nessas reuniões do G-20, também, ninguém conta o tamanho da sua dor de barriga. Você vai para uma reunião do G-20, você se senta lá, todo mundo acha que o seu país está maravilhoso e que... Eu acho que nós temos que chegar agora no G-20 e fazer um balanço da real situação de cada país. Vamos pegar um exemplo aqui. Se... a crise teve dois momentos. No primeiro momento, o mundo inteiro discutiu o *subprime*. Se o Bush, naquele momento, tivesse colocado US\$ 60 bilhões no Lehman Brothers, ele não tinha quebrado. Talvez ele não tivesse tamanho, não tivesse noção do tamanho, e talvez o Banco também não estivesse falando a verdade.

O dado concreto é que a gente poderia ter evitado a catástrofe que



aconteceu com o desaparecimento de recursos do mundo. Do dia para a noite, do dia para a noite, acabou o crédito no mundo inteiro, e até em países como o Brasil acabou. Se não fosse o governo tomar atitudes de fazer os bancos públicos tomarem a iniciativa de fazer o crédito, a gente não teria recuperado. Nós tomamos a decisão de comprar a Nossa Caixa, em São Paulo, o banco mais importante de São Paulo. Nós queríamos que o Banco do Brasil financiasse carros, ele não tinha *expertise*, nós fomos lá e compramos 50% do Banco Votorantim que era para dar *expertise* ao Banco do Brasil. Anunciamos o programa Minha Casa, Minha Vida, com um milhão de casas, que era para enfrentar a crise e dar resposta para a construção civil. Se todo mundo tivesse feito isso, nós teríamos terminado a crise. Acontece que você pega uma GM, ficam cinco meses para tomar a decisão do que fazer com a GM. Eu fico pensando o que eu faria. Eu jamais deixaria uma empresa como a GM quebrar, se eu tivesse possibilidade de ajudá-la a recuperar. Eu jamais deixaria um banco grande, que tinha importância, tipo o Lehman Brothers, quebrar se eu tivesse as informações corretas de como ele estava.

Então, havia uma certa nuvem que não permitia aos governantes se interessarem por saber como andava o mercado e agora todo mundo tem que estar alerta. Então, eu acho que nós temos que, agora, chegar no G-20, fazer uma medição do que está acontecendo nos países do G-20, do que está acontecendo nos países mais pobres, se as medidas que nós tomamos... quais os efeitos que elas causaram, se já tem o dinheiro do FMI, se já tem o dinheiro do Banco Mundial e se nós estamos emprestando dinheiro para os países pobres, porque é essa a finalidade. E ver como é que está a economia brasileira, como é que está a economia francesa, como é que está a economia americana, como é que está a economia alemã. Porque a coisa mais engraçada é que, muitas vezes, nós discutimos de forma genérica e não vamos no [ponto] central, saber qual é a situação de cada um dos países, sobretudo daqueles que foram responsáveis pela crise econômica.



Jornalista: Presidente...

Presidente: Só um dado importante. Existe um clima importante no G-20, existe um clima, é uma coisa que eu quero dar um testemunho. No G-20 tem um clima de as pessoas quererem dar um passo adiante. E aí, outra vez, eu volto ao presidente Sarkozy, que tem sido um parceiro importante nessa luta no G-20.

Mais uma pergunta, mais uma pergunta.

_____ : É que nós temos a TV depois, hein, Presidente.

Jornalista: O senhor... está se chegando no final do seu mandato. Tem alguma coisa que o senhor teria feito diferente, Presidente?

Presidente: É que eu posso fazer tanta coisa ainda, que eu só posso responder essa pergunta quando terminar o meu mandato. Quando terminar o meu mandato, você pergunta assim: “Presidente, o que o senhor não fez que o senhor gostaria de ter feito?”. Mas como eu tenho um ano e quatro meses, e eu aprendi muito, tem muita coisa para a gente fazer daqui para a frente...

Jornalista: Já decidiu se vai ser presidente... candidato de novo?

Presidente: Não, nessas coisas a gente não pensa. Eu não estou pensando nem no que eu vou fazer depois da Presidência, nem no que eu vou fazer depois... Essas coisas é o seguinte: um ano e quatro meses é muito tempo de governo para quem quer trabalhar. Eu tenho muita coisa para fazer no Brasil, nós temos muitas obras em andamento e a minha preocupação agora é cuidar com exclusividade disso. Depois, no ano que vem, em abril, eu vou cuidar da



minha candidata a presidente da República, que eu quero elegê-la. Depois disso, sabe Deus o que vai acontecer.

Vocês vão querer falar de futebol? Podem fazer uma pergunta de futebol.

Jornalista: Eu sei que é um grande tema para o senhor, o futebol espanhol... Devem ter mais torcedores do Real Madrid e do Barcelona no Brasil do que na Espanha porque os jogadores acabam ficando lá. Eu sei que o tema agora para o senhor... Como o senhor acha que pode se resolver, que medidas estão tomando?

Presidente: Eu sou torcedor do Barcelona, primeiro.

Jornalista: Ah, também?

Presidente: Sou torcedor do Barcelona. Eu tenho uma preocupação. Eu levantei essa minha preocupação com o presidente da Federação Brasileira de Futebol, tenho levantado para os principais clubes brasileiros e eu não sei a resposta, mas eu tenho uma preocupação. O Brasil, 20 anos atrás, era onde se praticava o melhor futebol do mundo. Hoje, o melhor futebol do mundo é praticado na Espanha, é praticado na Inglaterra, é praticado na Itália, é praticado na França, por jogadores brasileiros, por jogadores argentinos, por jogadores latino-americanos. Eu tenho muita dúvida porque um jovem pobre desses, que nasce na periferia e de repente vai ganhar milhões de euros na Europa, é uma graça de Deus. Agora, o que me preocupa? É que o Brasil está perdendo os seus jogadores aos 17 anos e o está recebendo de volta aos 32. Ou seja, no período em que ele é craque, em que ele é bom, ele está jogando fora. Isso não tem como resolver. O que eu acho? Eu acho que nós precisamos, primeiro, fazer uma combinação do calendário brasileiro com o



calendário europeu. Por quê? Porque você não pode desmontar um time no meio do campeonato. O Corinthians acabou de perder três jogadores, quatro, na verdade. Há três anos, o Corinthians perdeu seis jogadores no meio do campeonato. Ora, um time que perde seis jogadores, acabou. Então, o que eu quero? É que o jogador, ao começar o ano, ele termine aquele ano jogando naquele time e depois ele pode ir embora. Por quê? Porque entre um campeonato e outro, você tem tempo de fazer uma recomposição. Como o futebol é uma paixão para o Brasil, você sabe o que significa economicamente. Eu acho que é o único lazer gratuito que esse povo tem, de verdade. Os estádios estão ficando vazios, os jogos não são mais atraentes. Então, eu prefiro ver o campeonato inglês, ver o campeonato espanhol, ver o campeonato italiano, já estou vendo até o campeonato russo, já estou vendo o campeonato da Turquia, já estou vendo... daqui a pouco eu vou começar a ver no Cazaquistão.

Jornalista: O argentino está bom, Presidente.

Presidente: Então, eu acho... veja, os nossos clubes estão sem estádio. Você vê um jogo no outro mundo, o campo parece um tapete verde. Você vê aqui no Brasil, sabe... Então, nós precisamos cuidar disso. A minha preocupação é tentar resolver isso. Eu sei que não tem como...

Jornalista: Mas como o senhor resolveria? Vai ter medida?

Presidente: Eu levantei o problema para o presidente da Federação e uma das coisas que nós queremos cuidar é ver se a gente combina o calendário para evitar desmontar os times no meio do campeonato brasileiro. Eu pretendo conversar isso como Blatter, ele vai estar aqui no Brasil no dia 29, pretendo conversar com ele, porque também isso não é bom para a Europa porque é



uma contradição. Quando montam a Seleção da Europa, ela não tem a mesma qualidade de jogadores que têm os times do campeonato com um monte de brasileiros. O que o Juninho Pernambucano significou para o Lyon, vai demorar muitos anos para aparecer um craque da envergadura do Juninho. Então, essa é uma coisa que eu quero discutir com a Fifa, eu quero discutir com todo mundo porque acho que o Brasil não pode continuar vendendo meninos e trazendo de volta aposentados.

Jornalista: Muito obrigado, senhor Presidente.

(\$31DHJMP)